



OITO VEZES ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA – 8 X AIC

Édio Raniere da Silva¹
Victória Oliveira Bastos²

EIGHT TIMES CONTEMPORARY INDIGENOUS ART – 8 X AIC

HUIT FOIS L'ART AUTOCHTONE CONTEMPORAIN – 8 X AIC

1 Édio Raniere da Silva. Coordenador do Laboratório de Arte e Psicologia Social – LAPSO. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PP-GAVI UFPel. Professor Adjunto do Curso de Psicologia. edioraniere@gmail.com Currículo LATTES: <https://lattes.cnpq.br/4498767706666013> ORCID: 000-0002-0216-678X
Victória Oliveira Bastos. Graduanda do curso de Psicologia da UFPel. Bolsista de Iniciação FAPERGS. vicbastos.95@gmail.com Currículo LATTES: <https://lattes.cnpq.br/5630978943762432>. ORCID: 0000-0002-4759-9378

2 Victória Oliveira Bastos. Graduanda do curso de Psicologia da UFPel. Bolsista de Iniciação FAPERGS. vicbastos.95@gmail.com Currículo LATTES: <https://lattes.cnpq.br/5630978943762432>. ORCID: 0000-0002-4759-9378

RESUMO

A partir do conceito de Arte Indígena Contemporânea – AIC – enunciado por Jaider Esbell (2016, 2018a; 2018b) apresentamos uma breve coleção envolvendo onze trabalhos de oito artistas: Arissana Pataxó, Carmézia Emiliano, Denilson Baniwa, Daiara Tukano, Ibã Huni Kuin (Coletivo MAHKU), Jaider Esbell, Joseca Yanomami e Mário Flores Taurepang. Onde se enuncia uma estética singular, uma lógica da sensação ameríndia, imagens que resistiram bravamente à colonização. Imagens ancestrais que nos falam sobre um daqui a pouco. O ensaio busca expor uma paisagem inicial sobre a Arte Indígena Contemporânea, movimento que se encontra em plena ebulição. O referencial teórico utilizado vem do pensamento ameríndio e da filosofia da diferença.

Palavras-chave: Arte Indígena Contemporânea; Jaider Esbell; Imagem.

ABSTRACT

Based on the concept of Contemporary Indigenous Art – AIC – enunciated by Jaider Esbell (2016, 2018a; 2018b), we present a brief collection involving eleven works by eight artists: Arissana Pataxó, Carmézia Emiliano, Denilson Baniwa, Daiara Tukano, Ibã Huni Kuin (MAHKU Collective), Jaider Esbell, Joseca Yanomami and Mário Flores Taurepang. Where a singular aesthetic is enunciated, a logic of the Amerindian sensation, images that bravely resisted colonization. Ancestral images that tell us about one in a little while. The essay seeks to expose an initial landscape of Contemporary Indigenous Art, a movement that is in full swing. The theoretical framework used comes from Amerindian thought and the philosophy of difference.

Keywords: Contemporary Indigenous Art; Jaider Esbell; Image.

RÉSUMÉ

Sur la base du concept d'art indigène contemporain - AIC - énoncé par Jaider Esbell (2016, 2018a ; 2018b), nous présentons une brève collection comprenant onze œuvres de huit artistes : Arissana Pataxó, Carmézia Emiliano, Denilson Baniwa, Daiara Tukano, Ibã Huni Kuin (Collectif MAHKU), Jaider Esbell, Joseca Yanomami et Mário Flores Taurepang. Où s'énonce une esthétique singulière, une logique de la sensation amérindienne, des images qui ont vaillamment résisté à la colonisation. Des images ancestrales qui nous parlent d'un moment à l'autre. L'essai cherche à exposer un paysage initial de l'art indigène contemporain, un mouvement qui bat son plein. Le cadre théorique utilisé est issu de la pensée amérindienne et de la philosophie de la différence

Mots-clés: Art indigène contemporain; Jaider Esbell; Image.

Notas Introdutórias

A obra de Jaider Esbell³ reposicionou, em certo sentido, os debates sobre Arte Indígena. Tornou-se evidente que algumas questões como a dicotomia entre arte e artesanato são soluções e/ou produções de sentido que o pensamento ocidental vinha oferecendo diante a complexidade de uma estética ameríndia.⁴ O pensador/artista macuxi nos ajuda a compreender a impossibilidade de se pensar em uma transliteração ou em uma tradução da Arte Indígena Contemporânea para o sistema das artes. Ou seja, seria necessário reconhecer que não estamos diante de uma nova tendência, expressão, escola ou mesmo movimento das artes.

Dizendo de outro modo, o pensamento moderno, e sua ambição de revelar, significar, interpretar a imagem encontra na AIC um limite muito nítido, visto que se trata, efetivamente, de uma outra arte, da arte indígena. Onde o que está em jogo são agenciamentos artísticos que são indígenas antes de serem contemporâneos. E nesse sentido, portanto, a ordem dos fatores faz muita diferença. Pois o processo de criação desses artistas emerge agenciado a territorialidade singular de sua ancestralidade. São modos milenares de relação com o mundo, os quais envolvem o xamanismo, a guerra, bem como seus correspondentes expressivos. Esta agência coetânea do artista indígena, vivendo no trânsito entre mundos, é o que vai produzir o elo entre tempos, de modo que o ancestral é contemporâneo, e vice-versa. (BERBERT, 2021)

Vários indígenas artistas estão, em 2022, desenvolvendo pesquisas agenciadas pela noção de Arte Indígena Contemporânea. Embora al-

3 O ensaio presta uma homenagem a este importante artista macuxi falecido em 02 de novembro de 2021. A obra de Jaider Esbell envolve literatura, artes visuais, arte educação, curadoria, geografia, e um fundamental ativismo pelos direitos indígenas.

4 Para maiores detalhes sobre os debates envolvendo a dicotomia entre Arte e Artesanato consultar Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação de Els Lagrou.

guns deles sejam reconhecidos em contextos nacionais e internacionais, não nos parece possível precisar, dada a emergência que o movimento realiza atualmente, as dimensões e o alcance desse coletivo. Ao invés disso, tentaremos, a partir de agora, apresentar uma breve coleção que acreditamos expor algumas das principais linhas de força da AIC⁵. Esta coleção é composta por onze trabalhos e envolve oito indígenas artistas: Arissana Pataxó, Carmézia Emiliano, Denilson Baniwa, Daiara Tukano, Ibã Huni Kuin (Coletivo MAHKU), Jaider Esbell, Joseca Yanomami e Mário Flores Taurepang.

Nesta coleção buscamos reunir, de modo breve e pontual, algumas “flechas que não param de entrecruzar as coisas e as palavras”. (Deleuze, 2016, p.360) Tais flechas estão presentes nos contextos que deram emergência às obras selecionadas. Esses contextos, contudo, são diferentes daqueles que deram emergência à *Study after Velasquez’s portrait of pope Innocent X* de Francis Bacon, à *Guernica* de Pablo Picasso ou mesmo às *Máscaras Sensoriais* de Lygia Clark e/ou aos *Parangolés* de Hélio Oiticica, onde artistas brancos, nascidos em famílias de classe média e classe média alta encontraram condições de possibilidade para criação de grandes obras. Trata-se, portanto, de um contexto bastante específico, latinoamericano, sim, mas antes de tudo de um contexto Macuxi, Pataxó, Baniwa, Huni Kuin, Tukano, Yanomami e Taurepang.

Perceber a emergência desses artistas, bem como de suas obras a partir de tais contextos, permite ao nosso olhar uma perspectiva menos colonizada a respeito da Arte Indígena Contemporânea.

5 Para Deleuze as linhas de força agem “[...] como flechas que não param de entrecruzar as coisas e as palavras, levando adiante a batalha entre elas. A linha de força se produz ‘em toda a relação de um ponto a outro’, e passa por todos os lugares de um dispositivo. Invisível e indizível, ela está estreitamente embaraçada às outras, e, no entanto, pode ser desembaraçada.” (DELEUZE, 2016, p. 360-361)

Indígena e arte são de origem comum e indissociável. Aceitar essa sentença adianta o entendimento. O sistema de arte é algo paralelo e hoje eles se tocam, envolvendo-se para além das percepções dos especialistas. A arte indígena contemporânea seria então o que se consegue conceber na junção de valores sobre o mesmo tema arte e sobre a mesma ideia de tempo, o contemporâneo, tendo o indígena artista como peça central. Um componente trans-tempo histórico e trans-geográfico é requerido. Falamos de ideia de país, mas a arte entre os indígenas hoje brasileiros vem desde antes de tudo isso. (ESBELL, 2018b, p. 2-3)

Nesse sentido, para que possamos desembaraçar um pouco as linhas de força aqui presentes, a partir de agora apresentaremos um breve panorama sobre cada um dos oito artistas selecionados. O método utilizado para escolha dos artistas em questão encontra em Jaider Esbell uma espécie de fio condutor. A partir das relações que Jaider compôs com indígenas artistas de etnias variadas, fomos traçando algumas conexões entre referências que estão presentes em seu histórico como curador-artista, principalmente a partir da criação de seu ateliê, em 2013, chamado de “Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea”. Nomes como Arissana Pataxó, Carmézia Emiliano, Denilson Baniwa, Ibã Huni Kuin, Daiara Tukano, Joseca Yanomami e Mário Flores Taurepang, entre outros, estão presentes em suas falas, exposições, escritas e curadorias, assim como em seu acervo de Arte Indígena Contemporânea. Isto posto, escolhemos aqui ressaltar alguns pontos da trajetória desses artistas indígenas, tais como: etnia, prêmios, exposições, linguagem mais utilizada etc. O ensaio, portanto, não se pretende uma cartografia, mas sim uma coleção de fragmentos, anotações que viemos colecionando sobre o trabalho desses artistas e que agora compartilhamos por acreditar que possa colaborar com novas pesquisas. Iniciamos com a poética de Arissana Pataxó.

Arissana Pataxó⁶

Arissana nasceu em Porto Seguro, Bahia, e pertence à etnia Pataxó⁷. Formou-se em Artes Plásticas pela Escola Belas Artes (UFBA) e é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFBA. Seu trabalho perpassa por diversas linguagens, como pintura e fotografia, que refletem seu olhar sobre os povos indígenas. Realizou, no ano de 2007, a exposição *Sob o olhar Pataxó*, exibida em Salvador no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, sendo sua primeira individual. Desde então, Arissana participou de diversas exposições, tendo destaque em *ECOART* (2010; Montenegro, RS), *¡Mira! Artes visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas*, exibida em 2013 no Centro Cultural da UFMG (Belo Horizonte, MG). No ano de 2016, Pataxó é indicada e premiada com o segundo lugar no Prêmio Investigação Profissional em Arte (PIPA) na categoria *online*⁸. Fez parte, em 2021, com sua série de fotos *Mãguxi Pataxó pegando ouriço*⁹, da Exposição *Moquem_Surari: arte indígena contemporânea* na 34ª Bienal de São Paulo, locada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que teve participação de 34 artistas indígenas e curadoria de Jaider Esbell.

Em obras como *Indígenas em Foco* Arissana nos permite olhar para alguns agenciamentos artísticos que são indígenas antes de serem contemporâneos. Que imagens são produzidas quando uma câmera fotográfica se acopla ao olhar indígena? Que imagens são essas que o mundo

6 Informações obtidas através de sua página pessoal e site do Prêmio PIPA. Disponíveis em <<http://arissanapataxo.blogspot.com/p/curriculo-exposicoes-individuais-2009.html>>; <<https://www.premiopipa.com/pag/arissana-pataxo/>> Acesso em 25/06/2022.

7 Para saber mais sobre a artista: <<https://www.youtube.com/watch?v=6i1aVW-tQjBM>>

8 Disponível em <<https://www.premiopipa.com/vencedores-2016/>> Acesso em 13/07/2022.

9 Disponível em <https://mam.org.br/exposicao/moquem_surari-arte-indigena-contemporanea/> Acesso em 18/07/2022.



FIGURA 1.

PATAXÓ, Arissana. *Indígenas em Foco*. Acrílica sobre tela, 80x50cm. 2016. Disponível em: <http://arissanapataxo.blogspot.com/>. Acesso em: 25 jun. 2022.



FIGURA 2.

EMILIANO, Carmezia (comp.). Cereia. Óleo sobre tela, 70x50cm. 2010. Disponível em: <http://artenaifrio.blogspot.com/search?q=carm%C3%A9zia+emiliano>. Acesso em: 18 jul. 2022.

branco-ocidental foi incapaz de enxergar? Que imagens passam a ser focadas quando a Arte Indígena Contemporânea entra em jogo?

Carmézia Emiliano¹⁰

Artista de etnia Macuxi¹¹, criada na comunidade indígena Maloca do Japó, em Roraima. Considerada uma das maiores representantes da Arte Naïf, (participou da Bienal Naïfs do Brasil em diversas edições e – conquistou, em 2003, o Prêmio de Notoriedade Cultural, concedido pelo Governo do Estado de Roraima). Suas produções *Dança do Beija Flor* (Fig. 3) e *As Sereias* (Fig. 2) - são premiadas pelo Prêmio Incentivo (2010), na Bienal Naïfs do Brasil; Prêmio aquisição, (pelas obras *Parixara* e *Lenda do Monte Roraima*), também na Bienal Naïfs do Brasil (2006), passando a integrar o acervo do SESC – SP. Em sua arte, retrata as imagens do universo Macuxi em Roraima.

Em algumas de suas obras, Carmézia Emiliano explicita linhas de força da Arte Indígena Contemporânea que atravessam o cotidiano dos macuxis. Nesse cotidiano povoado por uma espécie de Vida como Obra de Arte encontram-se algumas pistas diante da afirmação de Jaider Esbell (2018b) de que indígena e arte são de origem comum e indissociável. Em obras como *As Sereias* e *Dança do Beija-Flor* a presença da arte em contextos cotidianos dessa comunidade nos parece explicitar esse comum e indissociável entre a arte e os povos originários.

10 Informações obtidas através da página do Instituto Internacional de Arte Naïf. Disponível em < <http://artenaifrio.blogspot.com/2019/02/carmezia-emiliano.html>> Acesso em 18/07/2022.

11 Para saber mais sobre a artista: <<https://www.youtube.com/watch?v=GoW42ji-GbXs>> Acesso em 18/07/2022.



FIGURA 3.

EMILIANO, Carmézia (comp.). *Dança do beija-flor*. Óleo sobre tela. Disponível em: <http://artenaifrio.blogspot.com/search?q=carm%C3%A9zia+emiliano>. Acesso em: 18 jul. 2022.

Denilson Baniwa¹²

Indígena do povo Baniwa e natural de Rio Negro, Amazonas, Denilson é um artista multidisciplinar que dialoga com design, ilustrações, colagens, pinturas, desenhos e, performances, entre outros. Baniwa participou da exposição *Djá Guatá Porã, Rio de Janeiro Indígena* em 2017, no Museu Arte do Rio (MAR). Em 2018, realizou a performance na 33ª Bienal de São Paulo, chamada *Pajé-Onça hackeando a 33ª Bienal das Artes de São Paulo* (Fig. 4)¹³. Vencedor do Prêmio Investigação Profissional em Arte (PIPA) na categoria *online*¹⁴ em 2019 e em 2021 foi indicado pelo júri¹⁵. Sua produção *Nada que é Dourado Permanece*, dividida em três partes, sendo a primeira nomeada de *Hilo*, a segunda chamada de *Amaáka (Coivara)* e a terceira *Terra Preta de Índio*, aparecem na exposição *Vexoá: Nós Sabemos* (2020), na Pinacoteca do Estado de São Paulo¹⁶. Ainda, no ano de 2020, juntamente ao Coletivo Coletores, compôs a Intervenção Artística Urbana *Terra Indígena*.

Obras como *Pajé-Onça hackeando a 33ª bienal*, de Denilson Baniwa, se posicionam diante a História da Arte Ocidental. Não se trata de uma crítica tradicional tal qual as que foram desenvolvidas entre as escolas, estilos, correntes artísticas. Visto que aqui um “(...) componente trans-tempo histórico e trans-geográfico é requerido” (Eshell, 2018b). Ou seja, a crítica que Denilson Baniwa realiza à História da Arte condensa em seus enunciados mais de quinhentos anos de opressão, genocídios e tentati-

12 Informações obtidas através da página Prêmio PIPA. Disponível em <<https://www.premiopipa.com/denilson-baniwa/>> Acesso em 18/07/2022.

13 Para saber mais, acesse: <<https://www.youtube.com/watch?v=MGFU7aG8kgI>>

14 Disponível em <<https://www.premiopipa.com/vencedores/>> Acesso em 18/07/2022.

15 Disponível em <<https://www.premiopipa.com/2021/12/retrospectiva-pipa-2021-relembre-os-principais-momentos/>> Acesso em 18/07/2022.

16 Para saber mais, acesse: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=116&v=zKeaYHf_M1A&feature=emb_title>



FIGURA 4.

BANIWA, Denilson (comp.). *Pajé-onça hackeando a 33ª bienal*. Performance, HD vídeo. 2018. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/denilson-baniwa/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

vas de apagamento da memória de um povo.

Ibã Huni Kuin (Coletivo MAHKU)¹⁷

O coletivo MAHKU (Movimento dos Artistas Huni Kuin) foi iniciado pelo pesquisador indígena Ibã Huni Kuin (Isaías Sales), de etnia Huni Kuin. As manifestações geradas pelo Coletivo MAHKU transformam os cantos huni mekas em telas coloridas que

utilizam a “letra” dos cantos como base e traduzem alguns elementos nelas presentes para a imagem. Criam, desta forma, um repertório comum, de forma que os demais Huni Kuin, aqueles que não desenham, começam, recentemente, a relacionar determinados desenhos com determinadas músicas. (DINATO, 2018, p. 39)

Ibã organizou o I Encontro de Artistas Desenhistas na Terra Indígena Huni Kuin do Rio Jordão, no qual se compôs, em 2011, o coletivo MAHKU, tendo sua primeira exposição em Rio Branco – AC, nomeada como *O espírito da floresta – Desenhando os cantos do nixi pae*¹⁸. No ano de 2012, participaram da exposição coletiva *Histoires de Voir – Show and Tell* na *Fondation Cartier pour l’art contemporain*, em Paris, na França; resultando em um documentário chamado *O espírito da floresta*¹⁹. Em 2014, a instalação *Sounds of light* (Fig. 5) é produzida na exposição “Feito por Brasileiros”, em São Paulo²⁰. O coletivo encerrou, em 2015, o X Simpósio

17 Informações obtidas através da página Prêmio PIPA e blog - O espírito da floresta. Disponíveis em <<https://www.premiopipa.com/pag/isaias-sales/>>; <<http://nixi-pae.blogspot.com/>> Acesso em 18/07/2022.

18 Disponível em <<http://nixi-pae.blogspot.com/>> Acesso em 18/07/2022.

19 Para saber mais, acesse: <<https://www.youtube.com/watch?v=zRlbRpoi0cQ>>

20 Disponível em <<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/entre-imagens-corpos-e-terra-transformacoes-do-mahku-movimento-dos-artistas-huni-kuin/>> Acesso em 18/07/2022.



FIGURA 5.

MAHKU (comp.). *Sounds of light*. Instalação. 2014. Movimento dos Artistas Huni Kuin. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/pag/isaias-sales>. Acesso em: 18 jul. 2022.

de Pós-Graduação em Linguagens da UFAC, em Rio Branco, apresentando uma intervenção multimídia (mural, coral e vídeo) e lançamento do filme *O sonho do nixi pae – O MAHKU – Movimento dos Artistas Huni Kuin*²¹. Indicado ao prêmio Prêmio Investidor Profissional de Arte (PIPA) na categoria *online* em 2016, Isaías se classificou entre os dez primeiros colocados daquele ano²².

O Movimento dos Artistas Huni Kuin enuncia, em obras como *Sounds of Light*, outra importante linha de força da Arte Indígena Contemporânea: a relação com os animais. O Xamã Yanomami Davi Kopenawa parece vincular essa relação com a ancestralidade quando nos ensina que “(...) há muito e muito tempo, quando a floresta ainda era jovem, nossos antepassados, que eram humanos com nome animais, se metamorfosearam em caça (...) São habitantes da floresta, tanto quanto nós” (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p.117-118). Num sentido parecido, Jaider Esbell aproxima essa relação com a transmissão de conhecimento, dando aos bichos da floresta o lugar de professores. “O’ma’kon é uma reunião de bichos, uma grande bicharada. São eles nossos professores. Não somos mais que eles. É preciso negar a supremacia humana sobre a diversidade de formas de vida”. (ESBELL, 2021, p.15-16). Esta relação com o animal antepassado/professor nos parece estar presente também nas obras *Carta Cobra* de Daiara Tukano, *A Guerra dos Kanaímés 7*, e *A Guerra dos Kanaímés 1* ambas de Jaider Esbell e *Comunidade Yanomami do Rio Uxi* de Joseca Yanomami, as quais são apresentadas na sequência.

Daiara Tukano²³

21 Para saber mais, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=O_eEa3FBTec>

22 Disponível em <<https://www.premiopipa.com/pipa-online-2016/>> Acesso em 18/07/2022.

23 Informações obtidas através de sua página pessoal <<https://www.daiaratukano.com/bio>> Acesso em 18/07/2022.



FIGURA 6.

TUKANO, Daiara. *Carta Cobra*. Canetão permanente sobre papel craft. canetão permanente sobre papel craft. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeZU9XovX3f/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

Daiara Hori Figueiroa Sampaio é indígena do povo Tukano, formada em Artes Visuais e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília (UnB). Entre seus trabalhos como muralista, – tem destaque, o que foi produzido no ano de 2020, em Belo Horizonte- MG, sendo autora do maior mural de arte urbana realizado por uma artista indígena no mundo²⁴, nomeado de *Selva Mãe do Rio Menino*. Nele são evidenciados e dialogam com as urgências que a AIC provoca, tais como a sustentabilidade. Também em 2020, realizou a performance e expôs na mostra coletiva *Vexoá: nós sabemos*, com curadoria da pesquisadora Naiane Terena²⁵. Nessa incrível apresentação, nomeada como *Morí’ erenkato eseru’ - cantos para a vida*, Jaider Esbell, juntamente a Tukano, “coberta por um manto Tupinambá vermelho criado por ela mesma, [...] defumaram o espaço em reverência aos representantes dos povos em mostra e ‘ativando’ o museu” (BERGAMASCHI, 2021, p. 88). Nesse movimento, ocuparam a Ppinacoteca como um ato de reivindicação de seus espaços²⁶. Daiara também venceu, em 2021, o Prêmio Investidor Profissional de Arte (PIPA) na categoria *online*²⁷. Em 2022, participou da exposição *Contramemória*²⁸, no Theatro Municipal de São Paulo, traçada a partir de uma releitura e das reflexões sobre a Semana de Arte Moderna de 1922, com suas obras *Respira* e *Carta cobra* (Fig. 6)²⁹.

Obras como *Carta Cobra* de Daiara Tukano nos ajudam a compreender

24 Disponível em <<https://www.hypeness.com.br/2020/10/daiara-tukano-a-autora-do-maior-mural-feito-por-uma-artista-indigena-no-mundo/>> Acesso em 18/07/2022.

25 Disponível em <<https://pinacoteca.org.br/programacao/vexoa-nos-sabemos/>> Acesso em 18/07/2022.

26 Para saber mais, acesse: <<https://www.facebook.com/PinacotecaSP/videos/387874055794405>>

27 Disponível em <<https://www.premiopia.com/2021/09/conheca-as-duas-vededoras-do-pipa-online-2021/>> Acesso em 18/07/2022.

28 Para saber mais, acesse: <<https://www.youtube.com/watch?v=hisQakfullg>>

29 Para saber mais, acesse: <https://m.facebook.com/watch/?v=317313323842665&_rdr>



FIGURA 7.

ESBELL, Jaider (comp.). A Guerra dos Kanaímés 1: da série A Guerra dos Kanaímés. 2020. Acrílica e posca sobre tela, 145x110cm. Disponível em: <https://www.premiopia.com/pag/jaider-esbell/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

que “(...) não há como falar em arte indígena contemporânea sem falar dos indígenas, sem falar do direito a terra e a vida” (Esbell, 2018b, p.02). A artista tukano nos convida a descolonizar o mundo começando por nós mesmos. No bonito manifesto que compõem a obra em questão, para além de uma crítica ao racismo, ao antropoceno e ao modernismo, há um chamado para acordar cedo, ir para roça, plantar florestas. “Para de preguiça e vem botar o pé no chão, vem sentar com tua vó e com a vó da tua vó (...) a tua nossa memória se aprende no coração, a tua nossa história não cabe no caderno. Então tem que ter coragem”. (Daiara Tukano, 2022). Num sentido próximo, tensionando nosso olhar diante dos direitos indígenas, é possível pensar as obras *Intervenção artística com desenhos Yanomami no Congresso Nacional*, de Joseca Yanomami e *Boi Taurepang* de Mário Flores Taurepang. As quais são apresentadas logo abaixo.

Jaider Esbell³⁰

Jaider Esbell é quem enuncia o conceito de Arte Indígena Contemporânea - AIC. Em suas manifestações expõe a cosmovisão de seu povo Macuxi através de performances, vídeos, desenhos, esculturas e textos. Em 2010, ganhou o prêmio Funarte Criação Literária - resultando, no ano de 2012, em seu primeiro livro *Terreiro de Makunaima - Mitos, lendas e histórias em vivências*. A partir de 2013, Jaider começa sua relação com a pintura e participa da Exposição Coletiva e Latinoameríndia MIRA! Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas, realizada no Centro Cultural da UFMG (2013). Ainda em 2013, Jaider organizou a exposição *Vacas nas terras de Makunaima: de malditas a desejadas*, apresentada no 1º Encontro de Todos os Povos, na Universidade Federal de Roraima

30 Informações obtidas através da sua página pessoal e página do Prêmio PIPA. Disponíveis em <<http://www.jaideresbell.com.br/site/sobre-o-artista/>> <<https://www.premiopia.com/pag/jaider-esbell/>> Acesso em 18/07/2022.

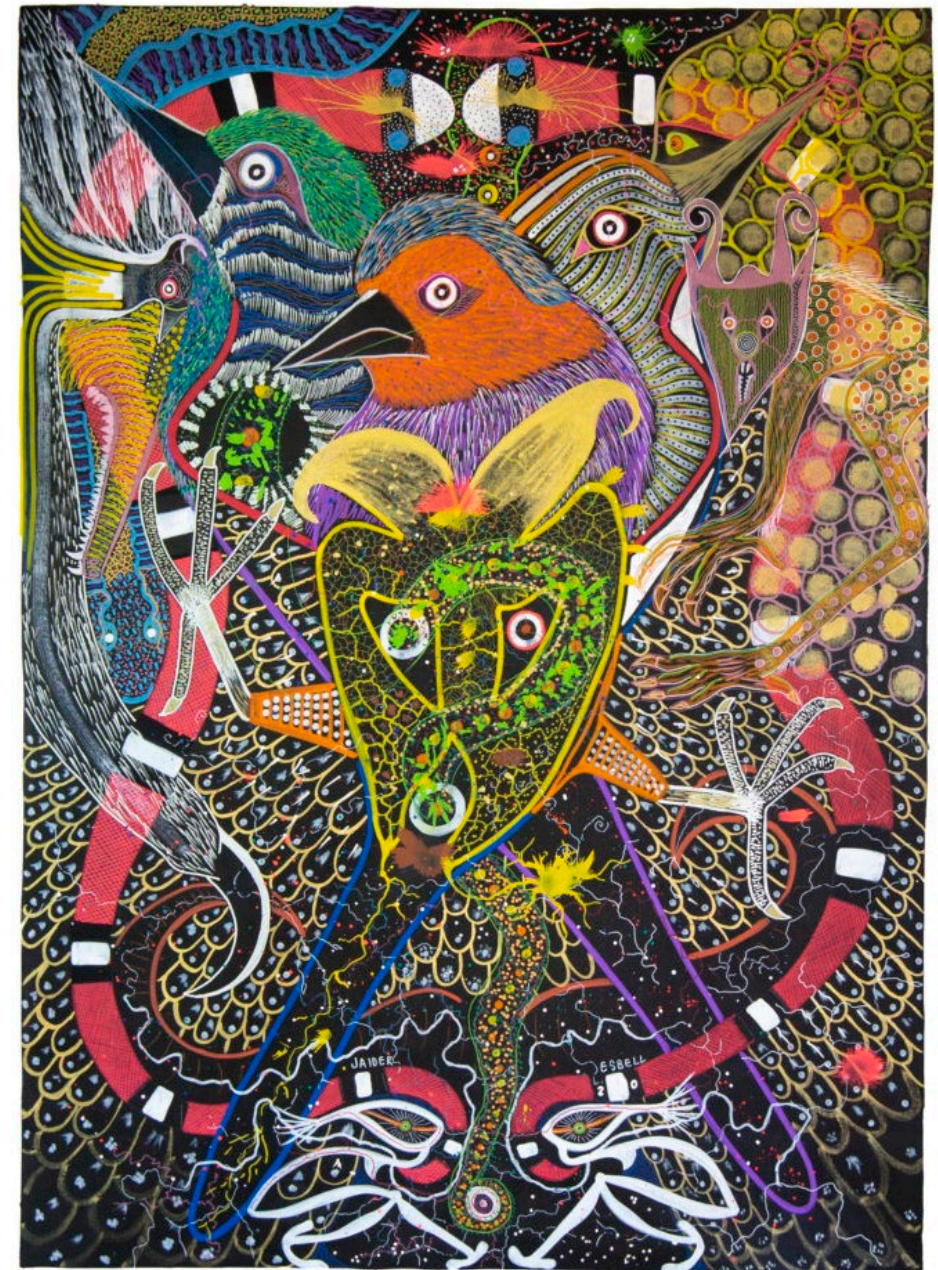


FIGURA 8.

ESBELL, Jaider (comp.). A Guerra dos Kanaímés 7: da série A Guerra dos Kanaímés. 2020. Acrílica e posca sobre tela, 145x110cm.

(UFRR)³¹, em Boa Vista. A exposição, que contou com obras de diversos artistas indígenas, dando emergência à noção de AIC. Esbell realiza diversas exposições relevantes e, através da repercussão de seu trabalho, abre seu atelier³², que, além de promover suas atividades de pesquisa, extensão e oficinas, oferece formação a alunos e estágios a estudantes de Artes Visuais da UFRR. Em 2016, foi indicado e vencedor do Prêmio PIPA categoria *online*³³. Participou, na Pinacoteca de São Paulo, da exposição *Véxoa: nós sabemos - mostra coletiva de arte indígena*, expondo suas obras e, juntamente a Daiara Tukano, com a apresentação *Morî' erenkato eseru' - cantos para a vida*³⁴. Jaider assumiu, em 2021, a curadoria do projeto *Moquem_Surari: arte indígena contemporânea*, memorável exposição que reuniu trabalhos de 34 artistas indígenas no Museu de Arte Moderna de São Paulo, parte da rede da 34ª Bienal de São Paulo³⁵. Ainda na 34ª Bienal de São Paulo, Esbell produziu e exibiu uma coleção de obras nomeadas *A guerra dos Kanaímés* (Fig. 7 e 8).

Joseca Yanomami³⁶

Artista visual da terra indígena Yanomami - na região do Demini, loca-

31 Disponível em <<https://g1.globo.com/rr/roraima/fotos/2013/04/exposicao-marca-1-encontro-de-todos-os-povos.html#F772606>> Acesso em 18/07/2022.

32 Para saber mais, acesse: <<https://www.galeriajaideresbell.com.br/>>

33 Disponível em <<https://www.premiopia.com/vencedores-2016/>> Acesso em 18/07/2022.

34 Disponível em <<https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/vexoa-nos-sabemos/>> Acesso em 18/07/2022.

35 Disponível em <https://mam.org.br/exposicao/moquem_surari-arte-indigena-contemporanea/> Acesso em 18/07/2022.

36 Informações obtidas através da página do MASP (Museu de Artes de São Paulo) e Fundação Cartier para Arte Contemporânea. Disponíveis em <<https://masp.org.br/index.php/exposicoes/joseca-yanomami>> Acesso em 18/07/2022.



FIGURA 9.

YANOMAMI, Joseca (comp.). Comunidade Yanomami do Rio Uxi, Brasil, 2002-2008. Obra exibida na exposição *Nos les Arbres*, Paris (2019). Disponível em: http://henri-maitre.fr/site_musees/nous-les-arbres/album/index.html#. Acesso em: 18 jul. 2022.

lizada entre Amazonas e Roraima. Suas obras aparecem em exposições da Fundação Cartier para Arte Contemporânea, em Paris nos anos de 2003 (*Yanomami, Spirit of the Forest*)³⁷, 2012 (*Histoires de voir: Show and Tell*)³⁸ e 2019 (*Nous les Arbres*)³⁹ (Fig. 9). Em 2020, foi estruturada por Hutukara Associação Yanomami a intervenção artística no Congresso Nacional *O sopro dos Xapiri*⁴⁰, que consistiu em projeções dos desenhos de Joseca (Fig. 10), bem como frases de Davi Kopenawa reproduzidas na fachada do Congresso como parte da manifestação *A floresta é nossa casa*⁴¹.

Mário Flores Taurepang

De etnia Taurepang, Mário Roberto Flores⁴² habita a comunidade de Sorocaima 1, localizada na fronteira do Brasil com a Venezuela. Como parte dos artistas que estão vinculados à Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea⁴³, Mário Taurepang integrou a exposição, em 2013, denominada *Vacas nas terras de Makunaima: de malditas a desejadas* no 1º Encontro de Todos os Povos, na UFRR. Dentre suas principais exposições, destaca-se, em 2017, a coleção *EPU'TÎTO - Artes Indígenas e*

37 Disponível em <<https://www.fondationcartier.com/en/exhibitions/yanomami-lesprit-de-la-foret>> Acesso em 18/07/2022.

38 Disponível em <<https://www.fondationcartier.com/en/exhibitions/histoires-de-voir>> Acesso em 18/07/2022.

39 Disponível em <<https://www.fondationcartier.com/en/exhibitions/nous-les-arbres>> Acesso em 18/07/2022.

40 Para saber mais, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=_b-ltr31QwY&feature=emb_logo>

41 Para saber mais, acesse: <<https://www.flickr.com/photos/agenciasena-do/50696014596/in/photostream/>>

42 Para saber mais sobre o artista, acesse: <<https://www.youtube.com/watch?v=ENYgcC9LSTU>>

43 Disponível em <<http://www.jaideresbell.com.br/site/2018/01/11/galeria-jaideresbell-de-arte-indigena-contemporanea/>> Acesso em 18/07/2022.



FIGURA 10.

YANOMAMI, Joseca (comp.). Intervenção artística com desenhos Yanomami no Congresso Nacional. Foto por Adriano Machado | ISA. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/605395-os-xapiri-yanomami-sopram-no-congresso-nacional>. Acesso em: 18 jul. 2022.

*Hoje*⁴⁴, realizada no SESC Mecejana, em Roraima, e, em 2021, sua obra *Boi Taurepang* (Fig. 11), vinculada a série *Vacas nas terras de Makunaima: de malditas à desejadas*, é exibida em *Moquém_Surari: arte indígena contemporânea*, locada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, parte da 34ª Bienal de São Paulo⁴⁵.

Considerações Finais

Neste breve ensaio buscamos compartilhar algumas anotações que estivemos colecionando sobre Arte Indígena Contemporânea. O tratamento dado, portanto, é próximo ao de uma pesquisa aberta onde as referências estudadas são partilhadas com a comunidade acadêmica no sentido de colaborar e mesmo fomentar novas pesquisas sobre a temática. No caso deste trabalho, como se pôde perceber ao longo do texto, tais referências encontram-se disponíveis, contudo, espalhadas em múltiplos locais diferentes. O ensaio compõe, portanto, uma espécie de território comum, a partir do qual se pode conhecer e ao mesmo tempo seguir pesquisando o trabalho dos oito artistas citados.

De modo geral nossa intenção foi a de oferecer uma paisagem inicial sobre esse que talvez seja um dos movimentos mais importantes das últimas décadas. A insurgência que Jaider Esbell nominou como Arte Indígena Contemporânea é uma força intempestiva que escava histórias soterradas, desperta memórias silenciadas, ocupa espaços da arte canônica, fala a língua do branco para se fazer ouvir, traz para a superfície acontecimentos históricos revisados, ressuscita e ressignifica imagens e imaginários, que se imiscuem em meio ao sistema de arte global. (LUNA,

44 Disponível em <<https://educarr.com.br/index.php/2017/05/31/sesc-recebe-a-exposicao-eputito-artes-e-indigenas-hoje-2/>> Acesso em 18/07/2022.

45 Disponível em <<https://www.facebook.com/MAMoficial/photos/a-s%C3%A9rie-vacas-nas-terras-de-makunaim%C3%AE-de-malditas-a-desejadas-da-exposi%C3%A7%C3%A3o-moqu%C3%A9m-surari/4890257371005271>> Acesso em 18/07/2022.



FIGURA 11.

TAUREPANG, Mário Flores (comp.). Boi Taurepang. Pintura acrílica sobre tela, 81x100,1x1,4cm. 2013. Foto de Everton Ballardin. Disponível em: <https://www.facebook.com/MAMoficial/photos/a-s%C3%A9rie-vacas-nas-terras-de-makunaim%C3%AE-de-malditas-a-desejadas-da-exposi%C3%A7%C3%A3o-moqu%C3%A9m-surari/4890257371005271/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

FLORES e MELLO, 2021)

Os oito artistas citados nos permitem ver, cada qual ao seu modo, afectos e perceptos não capturados pelo pensamento branco-ocidental⁴⁶. Suas poéticas enunciam uma estética singular, uma lógica da sensação indígena, imagens que resistiram bravamente à colonização. Imagens ancestrais que nos falam sobre um daqui a pouco.

Se o futuro é mesmo ancestral, como sugere Ailton Krenak, talvez Arisana Pataxó, Carmézia Emiliano, Denilson Baniwa, Daiara Tukano, Ibã Huni Kuin, Jaider Esbell, Joseca Yanomami e Mário Flores Taurepang estejam nos convidando a uma aurora que vem se aproximando. Talvez suas obras estejam nos incitando a despertar de um profundo sono colonial.

O que aprendi ao longo dessas décadas é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência da Terra não suportar nossa demanda. (KRENAK, 2019, p. 45)

46 Operamos aqui com os conceitos de afecto e percepto na tentativa de pensar blocos de sensações que não foram completamente capturados pela estética do pensamento ocidental. Nossa leitura é de que tais blocos não se conservam na memória de um sujeito (individual ou coletivo), mas sim em si mesmos, numa espécie de transbordamento [...] “da força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 194).

Referências

BERBERT, Paula. Pedagogia da Transformação. **Moquém Surari: Arte Indígena Contemporânea**. Catálogo da Exposição: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2021.

BERGAMASCHI, Alessandra. Do espaço cibernético à Guerra do Canaimés: imagens que ganham vida e a arte como armadilha. **ARS** (São Paulo), v. 19, n. 43, p. 68-115, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.190679>.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo? in Dois Regimes de Loucos: textos e entrevistas (1975-1995)**. São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DINATO, Daniel. **Os caminhos do MAHKU (Movimento dos Artistas Huni Kuin)**. 2018. 142f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9066-0939>. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/296898653.pdf?fbclid=IwAR0-h9JTYlgD8DEDG_6auteKkPyL5O42Mg3vp2W9gT3W-czGv2ONeP6QVnWk>

ESBELL, Jaider. Índios: identidades, artes, mídias e conjunturas. **Em Tese**, [S.l.], v.22, n.2 p. 11-19, maio/ago., 2016. ISSN 1982-0739. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/1982-0739.22.2.11-19>. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/11778>>

ESBELL, Jaider. MAKUNAIMA, O MEU AVÔ EM MIM!. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p.11-39, 2018a. DOI: 10.22456/1984-1191.85241. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/85241>>

ESBELL, Jaider. Arte indígena contemporânea e o grande mundo. **Revista Select**, São Paulo, Vol. 7 Nº. 39, Junho/Julho/ Agosto 2018b. Dispo-

nível em: <<https://www.select.art.br/arte-indigena-contemporanea-e-o-grande-mundo/>>.

ESBELL, Jaider. O'MA'KON. Bicharada. Reunião de Bichos. **Moquém Surari: Arte Indígena Contemporânea**. Catálogo da Exposição: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2021.

KOPENAWA, David e ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami**. Trad. Beatriz Perrone, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A Vida Não É Útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LUNA, Glória Alejandra Guarnizo; FLORES, Maria Bernardete Ramos; MELO, Sabrina Fernandes. Arte Indígena Contemporânea Decolonialidade e ReAntropofagia. **Revista Farol**, [S. l.], v. 17, n. 25, 2021. DOI: 10.47456/rf.v1i25.35982. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufes.br/farol/article/view/35982>>.

Artigo submetido em: 25/07/2022

Aceito em: 12/12/2022